

João Chagas era, em 1914, o ministro plenipotenciário de Portugal em Paris. Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, confrontou-se, na capital francesa, com aquilo que o próprio denominou a “psicose da guerra”. Também aí, recebeu o escritor Aquilino Ribeiro, que passava por Paris após uma deslocação à Alemanha, e assegurou-lhe que Portugal deveria declarar a beligerância. O escritor era defensor da neutralidade absoluta e João Chagas era defensor da beligerância. Este episódio prefigura o consenso nacional nunca conseguido perante a Grande Guerra.

Assim, João Chagas foi o primeiro diplomata a defender intransigentemente a intervenção de Portugal no conflito mundial. Era sua pretensão impedir que Portugal fosse um mero espectador da Guerra contra o império germânico, que se lhe afigurava como “um acto necessário, redentor da Humanidade, um imperativo dos valores da liberdade e da democracia e da própria paz”.<sup>1</sup> O diplomata defendia que este era um momento único na história de Portugal, dado que, pela primeira vez, “poderia apresentar-se como credor”,<sup>2</sup> assumindo o papel de aliado da Inglaterra, dando-lhe e não esperando que “lho exigisse ou o tomasse por suas mãos”.<sup>3</sup>

O seu ponto de vista é simples: “A Inglaterra vai ao fundo? Vamos em boa companhia. É seu o triunfo? Partilharemos dele. Pela primeira vez na história da nossa velhíssima aliança ter-lhe-emos dado e não pedido concurso. Seremos enfim aliados da Inglaterra”.<sup>4</sup> A sua crença na vitória dos aliados é inabalável. Por isso, acredita que Portugal, alinhando pela Entente, contará, no final da Guerra “no número das nações” e verá “abrir-se diante dele um futuro admirável”.<sup>5</sup>

O seu intervencionismo apaixonado e radical, presente em sucessivos telegramas enviados ao ministro dos Negócios Estrangeiros, determina a sua indignação face à nossa ambígua neutralidade e o seu pedido de demissão (recusado) do cargo

---

<sup>1</sup> João Chagas, *Diário II*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1930, p. 92.

<sup>2</sup> Idem, *Diário I*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1930, p. 132.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Idem, p. 133.

diplomático. O seu empenhamento em fazer de Portugal um país beligerante é de tal ordem que vem a Lisboa, em Setembro de 1914, reunir-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros e com os representantes diplomáticos da Inglaterra e da França em Portugal.

No seu *Diário* - habitual 'confidente' dos pormenores do seu dia-a-dia...-, nada regista sobre as conversações com o embaixador da França em Lisboa. E, perante a notícia de que o conselho de ministros português entendera que a atitude de ambígua neutralidade era a melhor, escreveu apenas: "Não insisti, porque espero ainda acontecimentos que obrigarão talvez o governo a modificá-la. Os meus esforços têm de ser pertinazes mas discretos".<sup>6</sup> Que acontecimentos aguardava João Chagas? Uma revolução não era, pois entendia que Portugal já fizera bastantes revoluções e precisava de ordem.<sup>7</sup>

A nossa tese é a de que João Chagas terá feito diligências confidenciais junto do representante da França em Lisboa e sabia que os seus esforços desencadeariam a beligerância de Portugal. O pedido de auxílio francês a Portugal, feito apenas três dias depois da reunião com João Chagas, confirma a nossa tese. O modo como Portugal foi para a Guerra também. Ora, são esses meandros diplomáticos e o intervencionismo radical de João Chagas que são objecto desta comunicação.

---

<sup>6</sup> Idem, p. 215.

<sup>7</sup> Idem, p. 210.